

RELATÓRIO DE PESQUISA

Uma tipologia linguística para a Libras

Nídia MÁXIMO 

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

RESUMO

Este artigo é um relato da pesquisa de doutorado que desenvolvemos em 2023, a qual se debruçava sobre uma proposta tipológica que pudesse ser aplicada à Libras. Para tal, recorremos a vídeos naturalísticos no Youtube e Instagram, os quais foram produzidos por pessoas surdas para compormos o corpus que nos possibilitou desenhar a nossa proposta, denominada Tipologia das Interfaces, que parte de uma orientação cognitivo-funcional. A proposta é composta por princípios epistemológicos que a sustentam, tipos de interface, categorias gramaticais que compõe cada interface a sistematização do funcionamento dessas categorias.

ABSTRACT

This article is a report on the doctoral research we developed in 2023, which focused on a typological proposal that could be applied to Libras. To do this, we used naturalistic videos on YouTube and Instagram, which were produced by deaf people to compose the corpus that allowed us to design our proposal, called Interface Typology, which starts from a cognitive-functional orientation. The proposal is made up of epistemological principles that support it, types of interface, grammatical categories that make up each interface and the systematization of the functioning of these categories.

PALAVRAS-CHAVE

Libras. Tipologia. Tipologia das interfaces.

KEYWORDS

Libras. Tipology. Interfaces Typology.



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Ana Regina e Souza Campello (INES)
- Charley Pereira Soares (UFMG)
- Carlos Roberto Ludwig (UFT)
- Liona Paulus (UHH)

AVALIADO POR

- Daltro Roque Carvalho da Silva Junior (UFPR)
- Bruno Carneiro (UFT)

DATAS

- Recebido: 16/10/2023
- Aceito: 04/10/2024
- Publicado: 21/04/2025

COMO CITAR

Máximo, N. (2024). Uma tipologia linguística para a Libras. *Revista da Abralín*, v. 23, n. 2, p. 896-921, 2024.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

A Libras é uma língua de modalidade visual e espacial que apresenta fenômenos gramaticais distintos da língua portuguesa. Ao longo dos anos, os estudos acerca da Libras foram realizados de forma comparativa com a língua portuguesa, tendo as categorias para a esta língua oral como base para descrever o funcionamento da Libras. Diante disso, sentimos a necessidade de descrever a Libras considerando suas especificidades, pois estas revelam como funciona a cognição das pessoas surdas em seu movimento de perceber e compreender o mundo. Propusemos, então, a Tipologia das Interfaces que é um modelo de categorias gramaticais e de regras para o funcionamento da Libras que considera como os níveis gramaticais – morfologia, sintaxe e semântica – se relacionam para compor a gramática da Libras, entendendo por gramática os arranjos que as pessoas surdas partilham sobre o funcionamento de sua própria língua.

Introdução

A pesquisa tipológica incide não apenas sobre a classificação das línguas, mas também traz elementos que permitem categorizar os componentes de uma língua específica, como destaca Whaley (1997). Neste sentido, uma pesquisa tipológica está orientada, primeiramente, para a descrição gramatical, afastando-se de uma mera taxonomia linguística. Em segundo lugar, a tipologia oferece a possibilidade de escolher qual perspectiva teórica será utilizada na explicação dos dados, pois a tipologia, em si, não é uma teoria e sim uma área que permite examinar, descrever, categorizar e comparar elementos gramaticais de uma língua ou mesmo de diversas línguas.

Assim, em Máximo (2023), apresentamos uma proposta tipológica para a Libras, a qual denominamos Tipologia das Interfaces, a partir de uma orientação cognitivo-funcional. Tal proposta é distinta do que vem sendo realizado tradicionalmente no campo da tipologia tanto para as línguas orais quanto para as línguas de sinais, visto que tomamos como ponto de partida a atuação da interface nos subsistemas da gramática para descrever e agrupar os fenômenos gramaticais.

Nosso modelo tipológico foi fruto de uma reflexão de cunho epistemológico na qual percebemos, na literatura acerca da tipologia das línguas de sinais, que as descrições dos fenômenos delimitados nos níveis gramaticais revelavam indícios de relações entre os níveis, apontando para a existência das interfaces mesmo em fenômenos que pareciam estar, estritamente, em um único nível, como as classes de palavras e a ordem dos constituintes.

Diante disso, pretendemos, então, apresentar neste artigo a nossa proposta tipológica para a Libras como uma possibilidade interpretativa para o funcionamento gramatical da Libras, a qual parte da ideia de que a interface é um elemento relevante na organização da gramática da Libras.

Neste sentido, partimos da seguinte questão: como poderíamos descrever a gramática da Libras em regularidades nos fenômenos gramaticais, considerando a atuação da interface ao invés de olharmos os níveis gramaticais isoladamente?

Assim, apresentamos neste artigo a organização do nosso modelo tipológico denominado Tipologia das Interfaces, o qual está organizado 1) em quatro fundamentos epistemológicos que visam sustentar o modelo; 2) na caracterização dos tipos de interfaces que compõem o modelo; 3) nas categorias que integram cada tipo de interface e 4) na sistematização do funcionamento dessas categorias a partir de dados extraídos da língua em uso, por meio de vídeos em Libras no Instagram e no Youtube.

1. Revisão da Literatura

A nossa orientação cognitiva e funcional para a formulação da Tipologia das Interfaces tem como base os trabalhos de Bybee (1998), Langacker (2008; 2013) e Givón (2011) no que tange às concepções de língua e de gramática para que pudéssemos situar teoricamente o nosso lócus de pensamento para a nossa inspiração, a fim de propor uma tipologia que pudesse ser aplicada à Libras, tendo em vista suas especificidades visuais e espaciais.

Assim, ao nos debruçarmos sobre as categorias gramaticais da Libras para propor uma tipologia que pudesse ser aplicada à esta língua, fizemo-lo a partir dos usos da Libras por meio de vídeos realizados por pessoas surdas usuárias da Libras no Instagram e no Youtube para visualizarmos o funcionamento da gramática desta língua, a fim de perceber como as pessoas surdas codificam suas experiências de mundo.

Neste sentido, não adotamos um modelo teórico específico para descrever e analisar o funcionamento das categorias gramaticais da Libras, uma vez que nosso trabalho em Máximo (2023) apresenta uma natureza eminentemente teórica mediante a proposição de uma tipologia voltada para a Libras. É salutar, no entanto, explicitar as lentes através das quais enxergamos as categorias gramaticais da Libras nas interfaces para propor uma tipologia tão específica, ao partirmos de uma concepção de língua e de gramática à luz de uma visão cognitivo-funcional.

Bybee (1998) defende que a gramática se relaciona à forma e à função por conta da vivacidade da língua e das habilidades cognitivas que também fazem parte de atividades não linguísticas. Desta forma, a relação íntima entre significado e uso, bem como as operações cognitivas como categorização, generalizações, inserção de informações novas, são atravessadas pela gramática.

Tal concepção coaduna com Langacker (2008) que entende a natureza essencialmente significativa da gramática – a gramática é capaz de produzir significado para os seres humanos e simbolizar as suas experiências de mundo. Desta forma, a gramática integra a nossa cognição como seres humanos e auxilia-nos na compreensão do funcionamento dessa cognição, pois codifica nossas experiências de mundo.

Para o autor, há quatro fatores que ancoram a relação entre significado linguístico e cognição. O primeiro incide sobre a existência de um substrato conceptual altamente elaborado no que tange ao

conhecimento acumulado que o indivíduo possui, bem como na percepção que o indivíduo tem acerca dos contextos social, físico e linguístico em seu entorno. O segundo é que a expressão linguística, em si, indica qual interpretação é mais proeminente em detrimento de outras possibilidades interpretativas.

O terceiro é que as habilidades imaginativas que o indivíduo possui apresentam uma dimensão longitudinal que se dá por meio de estratégias linguísticas como a metáfora e a referenciação através dos pronomes indefinidos. Por fim, esses dois últimos fenômenos linguísticos citados atestam a multiplicidade de arranjos de natureza mental que podemos realizar nesse movimento interpretativo acerca da realidade na qual estamos inseridos e sobre a qual nos referimos por meio da língua.

Nesse sentido, as estruturas conceptuais que alicerçam nossa atividade cerebral são representadas pelas formas linguísticas que empregamos nos usos da língua. Assim, a gramática é embebida de simbolização. O símbolo é, portanto, a estrutura bipartida que se divide em estrutura fonológica e estrutura semântica, ainda na perspectiva do autor. As estruturas simbólicas são construídas na gradação que se forma pelo léxico e pela gramática. Diante disso, entendemos que a metalinguagem empregada para descrever a gramática também é permeada de significado.

Isso ressoa diretamente em nossa proposição tipológica porque nossa descrição, tanto no aproveitamento de uma metalinguagem já consolidada no campo da descrição linguística quanto na aventura de cunhar nossas próprias terminologias para determinados fenômenos gramaticais, busca reforçar o papel das interfaces no funcionamento da gramática da Libras, especificamente em relações morfossintáticas, sintático-semânticas e morfossemânticas, a partir de uma orientação cognitivo-funcional.

Langacker (2008) ainda destaca que, nesta perspectiva cognitivo-funcional, é necessário levar em consideração a descrição das estruturas linguísticas, em um primeiro momento; o que é prototípico na língua e o seu grau de prototipicidade para que as estruturas se agrupem ou se repilam em categorias, em um segundo momento; e as explicações funcionais para os dados encontrados acerca da prototipicidade, em um terceiro momento.

Givón (2011), por sua vez, destaca que a língua, por meio de seus fenômenos, aponta para os elementos semânticos que permitem aos humanos experienciar o mundo físico-visível, através de sua percepção com os cinco sentidos, e dar significado às experiências percebidas sensorialmente por meio da classificação dessas experiências, em um universo abstrato organizado em 1) existência espacial, 2) existência temporal e 3) existência, as quais estão codificadas em nomes, predicados e expressões dêiticas que indicam espaço; verbos e expressões dêiticas de tempo; e nomes que indicam noções abstratas, adjetivos, e predicados-qualidade, respectivamente.

A partir das noções de língua e de gramática em orientação cognitivo-funcional, enxergamos a Libras como língua que codifica as experiências das pessoas surdas e que a organização da gramática da Libras, mediante os usos realizados pelas pessoas surdas, revela sua estrutura conceitual, em uma ontogênese linguística, para propormos a Tipologia das Interfaces.

Nessa orientação cognitivo-funcional, propomos quatro princípios – **simultaneidade, hibridismo estrutural, perspectiva ontogenética e iconicidade** – que visam justificar o nosso lócus de pensamento que se constitui em torno da ideia de que as interfaces atuam na organização dos subsistemas da gramática da Libras. Assim, esses princípios desenvolvidos em Máximo (2023) se configuram como os

fundamentos epistemológicos que viabilizam o funcionamento gramatical da Libras nas interfaces, ao passo que nos oferecem as possibilidades explicativas para o funcionamento da Libras.

Apresentamos, então, esses princípios a partir de pesquisas sobre a tipologia das línguas de sinais e da Libras, a fim de que o leitor compreenda o caminho teórico que trilhamos para propor tais princípios que sustentam a tipologia específica que desenvolvemos para a Libras.

Stokoe (1960), Schuit, Baker e Pfau (2001), Brentari (1990), Sandler (1995; 2012), Aronoff, Meir e Sandler (2005), Meier, Cormier e Quinto-Pozos (2002), Hulst (1993) e Máximo (2016) atestam que a Simultaneidade é traço intrínseco aos elementos que compõe o sinal nas línguas de sinais, a saber os parâmetros fonológicos¹, de um lado, e a estrutura da Libras como um todo, de outro lado. Dessa forma, todo o sistema linguístico da Libras se caracteriza por uma natureza simultânea.

Diante disso, propomos o princípio da **Simultaneidade**, o qual nos permite determinar a natureza simultânea dos parâmetros fonológicos como as unidades mínimas simultâneas que compõem o sinal na Libras. Consequentemente, podemos postular que a fonologia da Libras trata das especificações desses parâmetros, no que tange aos tipos de configuração de mão, de locação, de movimento, de orientações da palma da mão e de expressões não manuais. Além disso, a fonologia também trata das regras² que regem as combinações desses parâmetros e dos processos fonológicos.

O princípio do **Hibridismo Estrutural** determina que os níveis gramaticais estão imbricados, possibilitando que a gramática da Libras funcione nas interfaces, a saber morfossintática, sintático-semântica e morfossemântica. Os parâmetros fonológicos são o agente gramatical, diante de sua simultaneidade inerente, que viabiliza o funcionamento da gramática nas interfaces. Por isso, propomos que os parâmetros fonológicos da Libras não estão ligados a outro nível gramatical, formando uma interface, e sim que os parâmetros funcionam como mecanismos que unem morfologia e sintaxe, sintaxe e semântica, morfologia e semântica como interfaces.

A partir de Schuit, Baker e Pfau (2001), Schwager e Zeshan (2008), Zeshan (2002), Sandler (1995, 1999), Fernald e Napoli (2000), Liddell e Johnson (1989), Liddell (1984, 2003), Wilbur (1993), Padden (1988), Johnston (2006), as mudanças nos parâmetros fonológicos geram aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos nos fenômenos gramaticais nas línguas de sinais.

Para exemplificar, observemos a imagem abaixo que retrata o sinal VER, na Libras:

¹Os parâmetros fonológicos da Libras são as unidades mínimas que compõem o sinal para sua realização, a saber Configuração de mão (CM), Locação (L), Movimento (M), Orientação da palma da mão (OR) e Expressões não manuais (ENM) (QUADROS; KARNOPP, 2004).

² Em Máximo (2016) trouxemos algumas regras fonológicas na revisão bibliográfica por conta do estudo que realizamos acerca do estatuto da mão não dominante na Libras. Em Máximo (2023) realizamos uma sistematização das regras fonológicas, considerando a revisão da literatura que fizemos em 2016. Além disso, mediante a releitura do texto de 2016 percebemos que poderíamos extrair mais três regras fonológicas.



FIGURA 1 - Sinal 'VER' na Libras
Fonte: de Quadros *et al* (2023, p. 216)

Nesta imagem, podemos ver que o fenômeno da flexão – algo que podemos situar nos níveis morfológico e sintático da Libras – está articulado com os parâmetros fonológicos orientação da palma da mão e locação, pois as mudanças na orientação da palma da mão e na locação são o que viabilizam a concordância verbal, de acordo com Quadros e Karnopp (2004). Assim, quando a orientação da palma da mão está para fora, significa EU VEJO VOCÊ e quanto está para dentro significa VOCÊ VÊ A MIM.

Os parâmetros fonológicos assumem, então, uma natureza bivalente, uma vez que o seu papel estritamente fonológico pode ser atestado nas especificações de CM, M, L, OR e ENM e nas regras e nos processos fonológicos, enquanto o seu papel multifacetado permite que os parâmetros assumam funções que possibilitam o imbricamento dos níveis gramaticais, dando origem às interfaces para que a gramática da Libras funcione.

Ressaltamos que o Hibridismo Estrutural não dificulta o estabelecimento de padrões para a Libras, os quais são tão caros às pesquisas tipológicas. Embora reconheçamos a possibilidade de não encontrarmos um ou dois padrões para uma mesma categoria gramatical, é possível confirmar que as relações entre os níveis gramaticais acontecem através de regularidades ou recorrências dos elementos que integram uma categoria gramatical.

Diante disso, é preciso ter um olhar mais flexível para a tipologia, a fim de vê-la não como uma mera taxonomia das línguas, mas como um campo que nos permite aplicar métodos que conduzem o linguista a encontrar regularidades para as línguas através de dados empíricos.

O princípio da **Perspectiva Ontogenética**, por sua vez, na orientação cognitivo-funcional da qual partimos, evoca a percepção e a interpretação do mundo que as pessoas surdas realizam através da Libras como língua que codifica as experiências no mundo físico-sensível – o que as pessoas surdas captam pela visão e produzem com suas mãos e seu corpo, na Libras, revela aspectos das operações conceituais que essas pessoas fazem em seu movimento no mundo, com o mundo e sobre o mundo.

Ao verificarmos regularidades para a Libras na Tipologia das Interfaces, reconhecemos o que é subjacente à tipologia, que é a maneira que as pessoas surdas representam o mundo e conferem significado ao que vivem neste mundo. Assim, a nossa proposição tipológica busca captar a ontogênese linguística da pessoa surda.

Para exemplificar, continuemos no exemplo da Figura 1. A partir desse sinal, podemos singularizar a forma que as pessoas codificam suas experiências de mundo, mostrando que elas partilham

de um mesmo esquema de representação mental. Na concepção de mundo das pessoas surdas, VER, assim como ações dos sinais PERGUNTAR e AJUDAR podem ser ações que nos permite agrupar os verbos em duas categorias, no que tange à projeção dos argumentos sujeito e objeto.

Desta forma, na Libras, a partir de Quadros e Karnopp (2004), há verbos, denominados verbos com concordância, em que o percurso de movimento gera uma locação inicial e uma locação final, de forma que a locação inicial codifica o argumento sujeito e a locação final codifica o argumento objeto. No verbo VER, quando a locação inicial é ao lado do olho do sinalizante, representa EU-VEJO-VOCÊ e quando a locação inicial é no espaço em frente ao sinalizante, representa VOCÊ-VÊ-A MIM.

A outra categoria de verbos é denominada de verbos sem concordância e esses verbos apresentam locações mais restritas em face da inexistência de um percurso de movimento na sinalização do verbo. Assim, esses verbos apresentam locações no corpo do sinalizador; na mão não dominante; ou em um ponto específico no espaço.

Isso nos mostra que os eventos no mundo são representados espacialmente na Libras de forma que há determinadas ações que requerem a noção de movimento, como algo que sai do sinalizante para o outro ou que sai do outro para o sinalizante, como o verbo VER; enquanto outras ações não apresentam a noção do movimento, embora estejam codificadas no espaço em locações restritas.

Isso poderia indicar uma concepção de mundo própria das pessoas surdas acerca dos eventos do mundo, isto é, das ações – os eventos do mundo são codificados a partir de uma noção dicotômica de movimento e inexistência de movimento, agrupando os verbos em verbos com concordância e verbos sem concordância, respectivamente. Por conseguinte, compreender como a gramática da Libras funciona implica debruçar-se sobre a perspectiva de mundo das pessoas surdas, no que tange à simbolização que elas partilham através da língua que elas usam.

O princípio da **Iconicidade**, por sua vez, trata das motivações que as estruturas linguísticas carregam no funcionamento da gramática da Libras. Nesta língua, é possível perceber tanto a iconicidade imagética quanto a diagramática (LANGACKER, 2013). A fim de acomodar esses dois tipos de iconicidade, entendendo que ambos integram as estruturas da língua, percebemos que a iconicidade precisa ser revista em termos conceituais. Assim, compreendemos que a Iconicidade é um princípio que permeia toda a gramática da Libras ao “revelar as motivações linguístico-conceituais para que as estruturas se entrelacem em seu funcionamento interfático” (MÁXIMO, 2023, p. 151).

A partir de Peirce (1990), Neves (1997) diferencia iconicidade diagramática de imagética. A primeira incide sobre as motivações linguísticas que fazem com que as estruturas se comportem de determinadas formas, atraindo ou repelindo outras estruturas na gramática. A segunda evoca a perspectiva saussureana da relação natural entre significante e significado que não deveria existir. Assim, a Libras contraria essa segunda noção de iconicidade, pois a maneira que a forma linguística é sinalizada pelas mãos e expressões não manuais traz traços que remontam ao objeto que ela designa, a partir da visão de mundo partilhada pelas pessoas surdas.

Tomamos como base Givón (1984) e Croft (1990) para trazer uma noção alargada de iconicidade para a Libras, pois eles apontam que o sistema linguístico é regido por princípios motivadores. Nesse sentido, a língua é o que possibilita aos indivíduos representarem o mundo – real ou imaginário.

Diante disso, se uma língua apresenta os dois tipos de iconicidade, precisamos nos movimentar epistemologicamente a fim de refazer os conceitos ou propor um novo conceito que consiga abrigar as duas noções, uma vez que a língua se comporta dessa forma. Esse movimento epistemológico é intrínseco ao percurso da ciência, como destaca Dascal (1978) e Kuhn (1972) de que a ciência opera, também, por meio de convulsões ou revoluções científicas, respectivamente.

A iconicidade da Libras acontece, então, em um campo semântico e ontogenético, pois evidencia a forma que os indivíduos surdos percebem e interpretam o mundo. Afinal, a língua, em seus mais variados fenômenos, arquiteta como codificamos o mundo, nesta orientação cognitivo-funcional na qual estamos ancorados teoricamente para a nossa proposição tipológica.

Assim, propomos em Máximo (2023) que a iconicidade da Libras é uma Iconicidade Semântico-Genética porque “permeia a natureza das estruturas em sua forma e em seus possíveis arranjos gramaticais como uma representação cognitiva da percepção de mundo das pessoas surdas” (p. 151).

Propomos que essa iconicidade pode ser estruturada na Libras de quatro maneiras. A primeira é em relação às estruturas em si, quando uma estrutura atrai a outra. Para exemplificar, na Libras, há sinais que são realizados da mesma forma seja para substantivos, seja para verbos, como o sinal CASA/MORAR (<https://youtu.be/WnDugpAlmcc>) que pode ser o substantivo CASA ou o verbo MORAR.

Um dos fatores que permite a diferenciação entre esses sinais é que o substantivo atrai o possessivo, de forma que se o sinal CASA/MORAR é antecedido por um pronome possessivo (meu/minha, seu/sua, nosso/nossa), o sinal só pode ser enquadrado como o substantivo CASA.

A segunda é em relação às entidades do mundo quando o sinal traz, em sua forma, por meio dos parâmetros fonológicos, algum traço que se assemelhe ao objeto do mundo real ou a maneira que tal objeto é manipulado, na percepção visual da pessoa surda, o que coaduna com sua ontogênese linguística, como os sinais CASA e PRESENTE (<https://youtu.be/DY1wY3ow75A>) que apontam para o formato triangular do telhado de uma casa e para a maneira em que se dá um laço na fita no ato de embalar o presente, respectivamente.

A terceira é em relação ao evento do mundo, apontando para a ação, para maneira de se executar a ação e/ou para a representação cognitiva que os indivíduos possuem sobre o que é ação, em seu significado. Para exemplificar, tomemos o sinal SINALIZAR (<https://youtu.be/9L1dqdqYfZw>) que representa a maneira que as pessoas entendem do que é ação de sinalizar – mover as mãos continuamente no espaço. A quarta e última é em relação à língua portuguesa, nos sinais que são realizados com configurações de mão que representam as letras do alfabeto, como o sinal DEFICIENTE AUDITIVO (<https://youtu.be/-WRq1tHci8A>) que é feito pela sequência das configurações D e A, remetendo as duas primeiras letras dessas palavras.

Esses quatro princípios nos impeliram em Máximo (2023) a aproximar a Libras de uma língua isolante, tendo como base os critérios morfológicos de Sapir (1921) para a classificação tipológica das línguas. “As informações gramaticais são expressas através dos sinais, os quais são invariáveis. Estamos admitindo que os parâmetros fonológicos são as unidades que constituem o sinal. Consequentemente, o próprio sinal é a unidade significativa na Libras” (p. 153).

O entrave de diferenciar fonemas de morfemas nas línguas de sinais já foi postulado por Fernald e Napoli (2000) quando cunharam os termos fonomorfes e ion-morfes. Tal entrave abre uma porta para outra proposição acerca dos parâmetros fonológicos, com a finalidade de que as categorias gramaticais sejam acomodadas para descrever a língua com aquilo que ela apresenta, de fato. Para tal, é preciso que haja, em certa medida, um desapego de alguns limites que foram estabelecidos historicamente para as línguas de sinais nesse comparativo com as línguas orais.

É claro que a Linguística, como ciência, ao acolher as línguas de sinais em seus estudos, ofereceu os métodos, as teorias e os modelos descritivos existentes, que estavam voltados para as línguas orais, para que as línguas de sinais pudessem ser descritas e analisadas pelos linguistas. Não criticamos esse ponto de partida necessário para o rigor científico no caso das línguas que estavam anteriormente fora do escopo da Linguística e, em algum momento da história, precisaram ser registradas e analisadas.

Ressaltamos, no entanto, a existência de categorias e elementos gramaticais apresentados pelas línguas de sinais que são distintos das línguas orais e que alguns deles não conseguimos explicar com o arcabouço teórico acumulado. Urge, portanto, uma postura epistemológica dos linguistas de revisitar métodos e teorias aplicados às línguas de sinais.

A partir de Neto (2004), entendemos que o movimento evolutivo da ciência abarca não apenas o acúmulo de teorias e métodos, como também a divergência entre os pesquisadores e as rupturas diante do surgimento de um novo paradigma científico. Assim, o progresso científico acontece mediante a confluência de modelos teóricos ao invés da mera substituição de teorias antigas por novas, garantindo o rigor científico e afastando-nos de uma postura dogmática, a qual pode enfraquecer a prática científica.

Ao aproximarmos a Libras da morfologia de uma língua isolante, reconhecemos a plasticidade dos parâmetros fonológicos para assumirem funções entre os níveis gramaticais, imbricando tais níveis mediante a proeminência de alguns parâmetros em detrimento de outros por possibilitarem o surgimento da interface em um determinado fenômeno gramatical.

Propomos, então, que os parâmetros fonológicos apresentam uma natureza bivalente, isto é, os parâmetros tidos como fonológicos não seriam responsáveis apenas por estruturar a fonologia da Libras, uma vez que apresentam potencial para organizar as relações nas interfaces. Isso implica dizer que, em seu lado fonológico, os parâmetros não possuem significado, porém, em sua faceta interfática, os parâmetros são geradores de significado.

Há vários fenômenos gramaticais que podemos evocar em uma postura epistemológica, a fim de apontar indícios da atuação dos parâmetros fonológicos para desfazer os muros gramaticais e possibilitar relações entre os níveis. No fenômeno da incorporação, inicialmente situado na morfologia, Quadros e Karnopp (2004) destacam que tanto o número quanto a negação podem ser incorporados ao sinal.



FIGURA 2 - Incorporação de numeral
Fonte: de Pizzio (2011, p. 80).



FIGURA 3 - Incorporação de negação
Fonte: de Pizzio (2011, p. 80).

Na incorporação de numeral, observamos que os parâmetros configuração de mão e movimento se destacam para arquitetar a relação entre morfologia e semântica, visto que esses dois parâmetros reforçam a iconicidade intrínseca aos numerais, como destaca Palfreyman (2019). Na incorporação de negação, por sua vez, Zeshan (2002) destaca a existência de uma correspondência entre os domínios semânticos e seus respectivos verbos, o que destacaria, mais uma vez, a relação entre morfologia e semântica.

Ainda na morfologia, podemos destacar os trabalhos de Fabrício (2018) e Bernardes (2020) que buscaram trazer um padrão para a flexão de número através das estratégias de repetição do sinal e

do acréscimo de um sinal de advérbio, seja de intensidade ou de quantidade. Além disso, eles apontam que a flexão de gênero não é realizada na Libras.

Desta forma, no fenômeno da flexão na Libras não há, claramente, um morfema que evidencie a flexão de gênero ou de número, o que seria um indício de que este fenômeno não poderia ser concebido apenas em uma perspectiva morfológica. Consequentemente, um olhar para as interfaces poderia lançar novas possibilidades explicativas para o fenômeno.

Na sintaxe da Libras, a partir das pesquisas de Silva (2019), Araújo (2016), Carneiro (2020), Andrade (2015), Miranda (2015), Oliveira (2020), Souza (2014) podemos verificar alguns padrões sintáticos, que contribuiriam para identificarmos aspectos tipológicos da Libras, a saber:

- As relações de coordenação e de subordinação podem acontecer através do uso de conectivos (MAS, TAMBÉM), pela estratégia de enumeração e pelo uso do sinal MAIS, além de elementos semânticos que caracterizam a natureza das ações realizadas pelos agentes bem como os próprios agentes;
- A existência de três espaços para a realização da sintaxe, a saber espaços real, token e subrogado, com o espaço real marcando primeira e segunda pessoas e o subrogado marcando a terceira pessoa;
- A topicalização, através da mudança na ordem dos constituintes de oração, acontece sem a voz passiva;
- Nos predicativos, sua ocorrência pode ocorrer de forma semelhante à língua portuguesa e pode ser realizada sem sinalização dos verbos copulativos nas sentenças;
- Os verbos de concordância apresentam padrão nominativo e os verbos com concordância reversa se caracterizam por um padrão Ergativo.

Na semântica, as pesquisas que encontramos foram as de Souza Júnior (2012), Soares (2013), Mendes (2013), Medeiros (2019), Machado (2020). Vemos as seguintes regularidades para os fenômenos gramaticais que esses autores investigaram neste nível gramatical:

- A toponímia faz referência à língua portuguesa, de forma que a configuração de mão do sinal remonta a alguma letra do alfabeto;
- A homonímia é desfeita no contexto sintático, especificamente mediante a observação dos sinais que antecedem o sinal homônimo;
- Na construção das metáforas, são os parâmetros movimento e locação que carregam a iconicidade;
- A iconicidade apresenta motivações;
- Os frames são adicionados pelas expressões não-manuais.

2. Métodos

Uma pesquisa de cunho tipológico necessita de um *corpus* que esteja ancorado em dados extraídos da língua em situações reais de uso, uma vez que os dados presentes nas gramáticas não interessam aos tipologistas, como destaca Daniel (2012). Ele ainda reforça a relevância de um *corpora* eletrônico como *British National Corpus* e *Russian National Corpus*, os quais se configuram como fontes expressivas de dados linguísticos em contextos de uso da língua.

Diante da ausência desse tipo de *corpora* eletrônico para a Libras, nosso *corpus* foi composto por 30 vídeos extraídos dos seguintes canais do Youtube e do Instagram, o que totalizou 1h 39 min e 13s de vídeos: Canal IsFlcos, Canal Visurso, Canal A Moda Muda, @renata_freitas_libras; @meussinaiexpressam; @rodrigocustodio84.

Escolhemos três critérios para a seleção dos vídeos: 1) o vídeo ser realizado por uma pessoa usuária da Libras; 2) o vídeo configurar um gênero textual em Libras, visto que há vídeos produzidos por indivíduos surdos nas redes sociais que não apresentam material linguístico, sendo compostos apenas por colagens de imagens ou recursos miméticos; 3) o vídeo apresentar pelo menos um fenômeno gramatical em cada uma das interfaces – morfossintática, morfossemântica e sintático-semântica.

Após a seleção dos vídeos, realizamos a transcrição a partir de um sistema próprio de glosas que expressam nosso movimento epistemológico e metalinguístico, na proposta tipológica que realizamos – Tipologia das Interfaces. Abaixo, estão descritas as ferramentas simbólicas empregadas em nosso sistema de transcrição:

Símbolo	Descrição
Negrito	Sinais que apresentam mesma forma linguística, mas podem ter significados ou usos distintos.
Barra /	Usada para apontar possibilidades de palavras que representam os sinais que apresentam a mesma forma linguística, mas podem possuir significados distintos. Usado, também, para separar as descrições empregadas entre colchetes.
<i>Itálico</i>	Expressões temporais, espaciais ou adjetivais, estruturas de classificadores ou de transferência.
Colchetes []	Descrição da forma que o sinal acontece, tipo de concordância, tipo de espaço sintático, quantidade de mãos, ou outras questões que foram descritas.
Parênteses ()	Recurso para introduzir ou recuperar referente.
Ponto de interrogação ?	Expressão de interrogação.
Ponto final .	Indicar o fim de uma oração ou período.
Ponto de exclamação !	Indicar ênfase na expressão facial.
CAIXA ALTA	Gestos ou recursos miméticos.
Cores	Utilizadas para especificar aspectos não convencionais na sinalização, como a sinalização apenas com uma mão.

TABELA 2 - Sistema de transcrição.

FONTE: Adaptado de Máximo, 2023, p. 140.

Após a transcrição dos vídeos, definimos os tipos de interface, a saber morfossintática, sintático-semântica e morfossemântica, considerando o tipo de morfologia da Libras que a aproxima de uma língua isolante e natureza bivalente dos parâmetros fonológicos que possibilitam a proeminência de determinados parâmetros para arquitetar as interfaces no funcionamento da gramática da Libras após revisão bibliográfica.

Depois, descrevemos e analisamos os vídeos nos tipos de interface, agrupados em categorias gramaticais que refletem, em certa medida, uma metalinguagem própria que busca representar as noções interpretativas do mundo pelas pessoas surdas a partir da maneira que usam a língua nos vídeos. Para trazer evidências linguísticas das categorias listadas acima, trouxemos trechos da transcrição dos vídeos³.

Para propormos a categorização que trouxemos na seção de “Resultados”, aplicamos os seguintes critérios: 1) relações entre os níveis gramaticais; 2) fenômenos que evocam, majoritariamente, dois níveis gramaticais a partir do referencial bibliográfico da pesquisa.

A partir da observação dos dados empíricos contidos do *corpus*, descrevemos os fenômenos gramaticais, sistematizamos o funcionamento desses fenômenos mediante a identificação de regularidades que puderam ser expressas em regras e propusemos uma tipologia que pudesse ser aplicada à Libras. Assim, nos movemos de observações específicas para generalizações, em um raciocínio indutivo (Trochim, 2002; Liberalli, 2011).

A nossa proposta tipológica é denominada Tipologia das Interfaces e parte de uma orientação cognitivo-funcional, em que delimitamos o conceito de língua e de gramática para que pudéssemos explicitar os quatro princípios epistemológicos que justificam a centralidade da proposta de que a interface atua no funcionamento da gramática da Libras. Assim, os princípios Simultaneidade, Hibridismo Estrutural, Perspectiva Ontogenética e Iconicidade Semântico-Genética são as bases estruturantes, em termos conceituais, para o funcionamento das interfaces.

Diante desses princípios, aproximamos a Libras de uma língua isolante, uma vez que sua morfologia está ligada à bivalência dos parâmetros fonológicos, dada à faceta estritamente fonológica e à faceta interfática desses parâmetros para orquestrar as interfaces. Em seguida, definimos a Tipologia das Interfaces, bem como a sua funcionalidade; organizamos as categorias que integram cada interface; e sistematizamos o funcionamento dessas categorias em regras, isto é, generalizações ancoradas em evidências linguísticas encontradas no *corpus*.

³ Para ter acesso a transcrição completa dos vídeos que compõem o *corpus*, o leitor deve consultar o Apêndice A de Máximo (2023).

3. Resultados

Os resultados da nossa pesquisa são as evidências linguísticas encontradas no corpus⁴ que demonstram o funcionamento das categorias gramaticais nas interfaces morfossintática, sintático-semântica e morfossemânticas, descritas em regularidades. Utilizamos as transcrições dos dados para apresentar tais evidências, trazendo um exemplo para as três categorias gramaticais em cada uma das interfaces que propomos, por conta da necessidade de fazermos um recorte para este artigo.

Os exemplos que apresentamos estão com a transcrição para a língua portuguesa e um link com a sinalização em Libras no Youtube. Ressaltamos que o link conta com a própria autora deste artigo reproduzindo a trechos da sinalização dos vídeos contidos no corpus, por questão de uso de imagem dos sinalizantes nos vídeos originais:

3.1. Relações morfossintáticas

a. Classes ontogenéticas (substantivo, verbo, adjetivo, pronome, advérbio, numeral, conjunção): são conhecidas tradicionalmente como classes de palavras.

- “Eu não saber estar **espos@/casamento** minha PATRÍCIA [soletração manual]”. (<https://youtu.be/R0OYjcu9yqc>)

- “Se **namorar/namorado** brigar reclamar é história outra”. (<https://youtu.be/duKLdcErYII>).

d. Interrogação

- “Agora **explicar/explicação** sobre o que?”. (https://youtu.be/eJKZBVx_fKY)

e. Negação

- “Surd@ precisar pessoa [sinal pessoa nele mesmo no sentido do verbo ser] fei@? Não”. (<https://youtu.be/nfNdK3FjjtE>)

3.2. Relações sintático-semântico

b. Relações de causalidade, consequência, condicionalidade, comparação

- “Human@ igual pessoa [desenhando a pessoa] branca”. (https://youtu.be/ptpRQdb_HMk)

d. Noções de ser e estar

- “Meu pai surd@ como?” (<https://youtu.be/IJbZTWyCxA>)

3.3. Relações morfossemânticas

b. Quantificação de entidades

- “Perder [repetição do sinal] difícil [com as duas mãos] **agradecer/gratidão** [repetição do sinal] também [repetição do sinal]”. (<https://youtu.be/IsiJ5Fod4eA>)

⁴ Em pesquisas linguísticas de cunho tipológico, um *corpus* é conjunto de dados empíricos de uma língua que possibilitam a realização de análises estatísticas sobre fenômenos gramaticais bem como a descrição de padrões gramaticais a partir do mapeamento das regularidades dos fenômenos gramaticais (DANIEL, 2012).

Diante das evidências linguísticas encontradas em nossa pesquisa, propusemos a sistematização das categorias em cada uma das interfaces, como descrevemos abaixo em regularidades:

1. Relações morfossintáticas

a. Classes ontogenéticas

- Substantivos, verbos e adjetivos puros apresentam formas linguísticas específicas;
- Substantivos, verbos e adjetivos não puros apresentam mesma forma linguística e sua diferenciação acontece da seguinte maneira:
 - Os verbos estão posicionados no início da frase, são repetidos no final da frase e possuem um complemento que evidencia a ação ou a forma da ação;
 - Os substantivos estão posicionados no início da frase, são sucedidos por um verbo e licenciam o recurso da apontação;
 - O uso do espaço sintático sub-rogado possibilita a comparação de entidades que podem ser enquadradas em uma mesma natureza (substantivos e substantivos; verbos e verbos; adjetivos e adjetivos).
 - A identificação do sujeito e do objeto da frase auxiliam na identificação do sinal como verbo ou não;
 - Quando o sujeito é expreso, o sinal pode ser identificado como verbo ao invés de ser enquadrado como substantivo ou adjetivo;
 - A presença de um elemento de condicionalidade antes do sinal, define o sinal como verbo;
 - O pronome possessivo posicionado antes ou depois do sinal define que sinal é um substantivo;
 - Pronomes de pessoa possuem restrições em relação aos parâmetros fonológicos (CM em 1 e em B; movimento circular para NÓS, circular para EL@S, direcional para EU, TU, VOCÊ, EL@, retilíneo para VOCÊS):
 - pronome EU, na CM em 1 e movimento direcional: https://youtu.be/NNJFZGJ_1xw; pronome VOCÊ/TU, na CM em 1 e movimento direcional: <https://youtu.be/ZoLiEeSTat0>; pronome EL@, na CM em 1 e movimento direcional: https://youtu.be/_tflQWizHnk; pronome VOCÊS, na M em 1 e em B, respectivamente, com movimento retilíneo para ambos: <https://youtu.be/DCVgHtKiKCU>, https://youtu.be/bMsRbp_fv0E; pronome NÓS: <https://youtu.be/R-OQLmB-gKI>; pronome EL@S, CM em 1, movimento circular: <https://youtu.be/U4a91YdutiE>.
 - Os pronomes de objeto possuem restrições em relação aos parâmetros fonológicos (CM em 1, movimento direcional) e em relação à realização sintática no espaço token, mais próximo ou mais distante do sinalizante.
 - Os numerais possuem restrições quanto aos parâmetros fonológicos: locação na frente da cabeça do sinalizante e o movimento é sempre retilíneo (da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda);
 - Os advérbios são de tempo (AGORA/HOJE <https://youtu.be/D3xb15jMOxg>, ONTEM <https://youtu.be/r92KXjveieY>); espaço (AQUI <https://youtu.be/qyGolZK6Pek>, ALI <https://youtu.be/3cVguIwdfBE>); modo (BEM <https://youtu.be/zilY3OTOdWm>); intensidade

(MUITO, POUCO <https://youtu.be/BTcgR3KMMHE>); afirmação (SIM https://youtu.be/8__c5E_XzqY, CLARO https://youtu.be/p_-qe1Fkcv0; negação (NÃO <https://youtu.be/zdIjoArwxv4>); dúvida (TALVEZ <https://youtu.be/y8rH-Ho1agM>, MAIS OU MENOS <https://youtu.be/PHzNktsDR2g>);

- As conjunções são MAS (<https://youtu.be/GQ0opkrnUUQ>; <https://youtu.be/UiFHtbjC9-E>; https://youtu.be/OC_OoyLoMOK), TAMBÉM (<https://youtu.be/tRRWUoAkAIM>; <https://youtu.be/zuiapYJnzww>), PORQUE (<https://youtu.be/zc1CnYPnUMU>), ENTÃO (<https://youtu.be/nXineHhLSWc>), SE (<https://youtu.be/WoyFScHSQig>).

b. Entidades representativas

- Podem ser divididas em dois tipos: 1) entidades que podem representar a forma e/ou aparência dos objetos e pessoas, ou seja, sua existência; 2) entidades que podem representar a forma que o objeto é manipulado, ou a forma que as pessoas experienciam a ação ativa ou passivamente ou a própria percepção da ação em si.

c. Estrutura argumental do verbo e ordem dos constituintes

- Os verbos com concordância possuem locação inicial e final em face do percurso de movimento intrínseco ao sinal;

- Os verbos sem concordância possuem restrições quanto ao parâmetro locação, especificamente no corpo do sinalizante, na mão não dominante ou em um ponto específico do espaço;

- Os verbos com concordância possuem a ordem dos constituintes SVO, obrigatoriamente;

- Os verbos sem concordância, apresentam as possibilidades de ordem dos constituintes SVO; OV e VO quando os sujeitos já foram expressos anteriormente.

d. Interrogação

- As expressões não-manuais são parâmetro que expressa a interrogação;

- Os sinais O QUE (<https://youtu.be/3dRVfKPoxPc>), COMO (<https://youtu.be/WeQGxnuEfPg>), QUANDO (<https://youtu.be/HYRSwmM3haU>), ONDE (<https://youtu.be/lhdWHt2mJRI>), QUAL (<https://youtu.be/HYRSwmM3haU>, <https://youtu.be/OXo4xTpb0-s>), POR QUE (<https://youtu.be/nqNg35GxOO4>) são empregados para a realização de perguntas;

- A posição do interrogativo O QUE é no fim da frase;

- As posições mais frequentes para os interrogativos COMO e POR QUE são no início e no fim da frase;

- A posição do interrogativo QUAL é no meio da frase;

- A posição do interrogativo ONDE é no fim da frase;

e. Negação

- Há quatro realizações da negação: 1) através do sinal manual, com as configurações de mãos em 1 e B (<https://youtu.be/ZPCT5VjWiRI>; <https://youtu.be/THbmRmoH6hk>); 2) apenas com o balanço da cabeça para a direita e para a esquerda (<https://youtu.be/l6Bqz9m568c>); 3) a dupla negação (<https://youtu.be/pk5I3sMbsI8>); 4) a negação lexicalizada em alguns verbos (<https://youtu.be/G5FvorKJ0pM>; <https://youtu.be/6iPt6YbO1Hg>; https://youtu.be/JNDVS_VdmWQ);

- As posições para a negação são: 1) no início da frase como resposta à uma pergunta anterior; 2) no meio da frase, próximo de um pronome de pessoa; 3) no meio da frase com negação manual seguida de verbo que lexicaliza a negação; 4) no meio da frase com negação manual seguida de verbo que não lexicaliza a negação; 5) no início da frase por ser um verbo que lexicaliza a negação; 6) no início da frase como marcador de opinião, usando a cabeça.

f. Posse

- A posse é representada através dos sinais MEU/MINHA (<https://youtu.be/EGkw318nPiQ>); SEU/SUA (<https://youtu.be/CpxmXutDYF>) e DEL@ (<https://youtu.be/y1Gq4Klyht4>), cuja forma da configuração de mão é a mesma, mas a distância da locação para o sinalizante é o que indica qual sinal possessivo está sendo empregado;

- O sinal PRÓPRIO (<https://youtu.be/oZmlzwC5xhQ>) também é empregado para representar a noção de posse;

- A posse pode ser enfatizada 'através o uso de PRONOME POSSESSIVO + sinal PRÓPRIO;

- A ordem POSSESSIVO-SUBSTANTIVO ou SUBSTANTIVO-POSSESSIVO impossibilita que outro sinal fique entre o possessivo e o substantivo.

2. Relações sintático-semânticas

a. Relações de adição, oposição, explicação, alternância e conclusão

- Acontecem por meio: 1) do emprego das conjunções MAS, TAMBÉM, PORQUE, ENTÃO; 2) da utilização do espaço token e sub-rogado; 3) da utilização de perguntas retóricas; 4) do emprego específico da conjunção ENTÃO como elemento de coesão; 5) da estratégia de enumeração.

b. Relações de causalidade, consequência, condicionalidade, comparação

- Acontecem por meio: 1) da utilização dos espaços token e sub-rogado para relações de causalidade, consequência e comparação; 2) da utilização de perguntas retóricas; 3) do uso do sinal SE para condicionalidade; 4) da utilização do sinal IGUAL para construir comparação.

c. Referenciação

- Acontece por meio: 1) de pronomes de pessoa; 2) de substantivos; 3) do uso do espaço token para inserir os referentes; 4) da repetição de pronomes de pessoa e de substantivos; 5) do uso da

apontação para o local em que o referente foi localizado inicialmente; 6) do uso do espaço sub-rogado para recuperar os referentes.

d. Noções de ser e estar

- Acontece por meio: 1) do uso dos verbos SER (<https://youtu.be/IA-3ATlIP9s>) e ESTAR (<https://youtu.be/DYWdsfqT9TE>) com seus sinais específicos; 2) da não realização dos verbos com seus sinais específicos (<https://youtu.be/-KSODh8rbOc>); 3) do uso do sinal pessoa com a direcionalidade para o sinalizante; 4) uso no sinal VIVER/VIDA (https://youtu.be/kluyH9O_x6Y) para representar a noção de estar.

3. Relações morfossemânticas

a. Formação de sinais

- Os sinais não formados mediante a combinação dos cinco parâmetros fonológicos;
- Os sinais são unidades significativas pelo fato da Libras se aproximar mais da morfologia de uma língua isolante;
- A composição não se configura fenômeno muito produtivo para a formação de sinais.

b. Quantificação e intensificação de entidades

- Acontece por meio: 1) da repetição do sinal; 2) da duplicação de mãos; 3) do apoio de apoio de advérbios que trazem a noção de quantidade ao lado de expressões não-manuais que representam a noção de intensidade.

c. Marcação de tempo

- Acontece por meio: 1) do uso de advérbios, como AGORA (<https://youtu.be/D3xb15jMOxg>), DEPOIS (<https://youtu.be/eSjIg7RmdP8>), ONTEM (<https://youtu.be/r92KXjveieY>), HOJE (<https://youtu.be/D3xb15jMOxg>), AMANHÃ (<https://youtu.be/Eh3ZMV0367E>), ANTES (<https://youtu.be/LrHsJIPr25Q>); 2) do uso de expressões temporais, como PASSADO (<https://youtu.be/RJ4fpHMYqIY>), FUTURO (https://youtu.be/T_qcCvxGyjQ), PERÍODO (<https://youtu.be/u0oibj85oNw>), TEMPO (<https://youtu.be/1146X3MSB1I>); DAQUI PARA FRENTE (https://youtu.be/Y3Dzo_7nq-o).

4. Discussão

As interfaces “são dimensões gramaticais através das quais as categorias na Libras ganham não apenas forma e significado linguísticos, como também existência conceptual e funcionalidade para que os indivíduos surdos possam representar suas experiências de mundo” (MÁXIMO, 2023, p. 190). Desfazemo-nos,

então, da visão que concebe os níveis gramaticais da forma isolada, para que possamos enxergá-los como sistemas interligados e que são reciprocamente significativos para compor a gramática da Libras.

Nos exemplos que trouxemos como evidências linguísticas das interfaces e, principalmente, na sistematização do funcionamento das categorias nas interfaces que descrevemos na seção “3. Resultados”, percebemos que as interfaces não impossibilitam o ordenamento da gramática, pois a Libras apresenta regularidades e restrições nas relações morfossintáticas, sintático-semânticas e morfossemânticas.

Isso coaduna com a noção de gramática que evocamos através de Bybee (1998), Langacker (2008) e Givón (2011), pois as regularidades que pudemos sistematizar mostram como os indivíduos surdos representam suas experiências de mundo – o imbricamento das formas fonológica e semântica nas interfaces de maneira que os parâmetros fonológicos desfazem os muros gramaticais demonstra a simbolização específica que as pessoas surdas realizam. Cognição e língua, então, estão relacionadas.

Nos três tipos de interface, percebemos a prototipicidade (LANGACKER, 2008) para restringir a ordem dos constituintes diante da tipologia verbal (verbos com concordância e verbos sem concordância); para enquadrarmos os sinais em substantivos ao invés de verbos quando apresentam a mesma forma linguística; para delimitar posições iniciais ou finais para determinados fenômenos gramaticais, dentre outros.

Nas entidades representativas, notamos que elas atuam como construções complexas, a fim de possibilitar a codificação das informações de pessoa, número e aspecto. Na estrutura argumental do verbo, pudemos perceber como esta estrutura não pode operar de forma desarticulada da ordem dos constituintes, uma vez que há restrições para os tipos de verbo, em função da projeção de seus argumentos internos.

Tanto nas entidades representativas quanto na interdependência da estrutura argumental do verbo e da ordem dos constituintes, observamos os princípios da Simultaneidade e da Iconicidade Semântico-Genética. O primeiro está presente na proeminência dos parâmetros locação, movimento e configuração de mão, possibilitando a Iconicidade Semântico-Genética nos dois tipos de entidades representativas existentes e nas restrições quanto à ordem dos constituintes pela morfologia do verbo. Além disso, notamos como esses dois princípios epistemológicos coadunam com a ontogênese linguística da pessoa surda na codificação da existência espacial, temporal e existência, de acordo com Givón (2011).

A interrogação, por sua vez, se estrutura por meio das expressões não-manuais e de sinais específicos para representar pergunta e/ou dúvida, por meio dos sinais O QUE, COMO, QUANDO, ONDE, QUAL, POR QUE. Paralelamente, nas categorias de negação e de posse, destacamos a existência de quatro e três padrões de realizações linguísticas, respectivamente, o que indica contextos sintáticos específicos quanto ao posicionamento desses padrões na frase. Assim, apesar de a Libras se configurar por sua natureza visual e espacial, a sintaxe é atravessada por restrições que promovem ordem no funcionamento do sistema gramatical.

Na interrogação, o princípio da Perspectiva Ontogenética nos mostra que o fenômeno de perguntar ou apresentar dúvida é codificado por conjunções específicas que apresentam posições

restritas na frase – a especificidade das conjunções representa a própria especificidade do ato de perguntar que é obter uma informação pontual, afunilando as possibilidades interpretativas.

Na posse, o uso de pronomes possessivos e do sinal PRÓPRIO nos revelam duas possibilidades linguísticas para que as pessoas surdas representem a quem um objeto pertence. O uso dos pronomes possessivos MEU, SEU, DELE, NOSSO ao lado das restrições de locação mostram que a noção de posse depende da proximidade ou distância dos sinais em relação ao corpo do sinalizante para representar a noção de possuir, de fato, reforçando a forma que as pessoas surdas codificam a existência espacial (GIVÓN, 2011).

Desta forma, a exploração do espaço também contribui para que a noção de posse seja codificada na ontogênese linguística da pessoa surda para que saibamos se o objeto pertence ao sinalizador ou a terceiros. O uso do sinal PRÓPRIO também reforça a ontogênese da pessoa surda – possuir algo é fazer com que o objeto faça parte do indivíduo, pois possuir indica ser dono, proprietário de algo, integrando este algo, em certa medida, a quem o próprio indivíduo é.

Na negação, percebemos a necessidade de uma marcação manual, seja através do sinal NÃO ou na lexicalização da negação em determinados verbos; e não manual mediante o NÃO balançando a cabeça da direita para a esquerda. Negar implica, então, a existência de uma forma linguística que codifique essa noção. Desta forma, a negação é experienciada pelas pessoas surdas de forma explícita, ou seja, a negação precisa ser materializada em formas linguísticas ao invés de ser licenciado aos indivíduos que a noção fique implícita em outras informações na interação.

Nas relações sintático-semânticas, percebemos que “a. Relações de adição, oposição, explicação, alternância e conclusão” possuem um funcionamento parecido com “b. Relações de causalidade, consequência, condicionalidade, comparação”. Os fenômenos de coordenação e subordinação são representados na Libras pelas poucas conjunções e pelo espaço sintático, especificamente os espaços token e sub-rogado, para que tais noções semânticas sejam codificadas, de fato. Assim, essas noções precisam da materialidade do espaço para que sejam representadas.

Na categoria referência, notamos o uso do espaço, de pronomes e de substantivos para introduzir e para recuperar os referentes. Isso revela a Perspectiva Ontogenética da pessoa surda, pois essas ferramentas linguísticas conferem existência física, de fato, às entidades, dada à natureza visual e espacial da Libras. Assim, a referência pressupõe tanto a representação manual quanto locativa das entidades do mundo, pois a existência no mundo necessita de existência gramatical através do imbricamento de sinais e uso do espaço, em locações específicas.

Nas noções de SER e ESTAR, as quatro realizações que descrevemos atestam o plano semântico dessas noções bem como sua necessidade de codificação na língua para que as entidades sejam e estejam no mundo mediante o uso de uma forma linguística específica ou da ausência de uma forma linguística. Entendemos que, para a pessoa surda, “ser” e “estar” no mundo poderiam representar, também, um “não-ser” e “não-estar” no mundo. Portanto, é dicotomia SER x NÃO-SER e ESTAR x NÃO-ESTAR que possibilitam às pessoas surdas a compreensão da noção abrangente de existir.

Nas relações morfossemânticas, rompemos com o paradigma consolidado para línguas de sinais no que tange à sua morfologia porque não confirmamos o uso de processos morfológicos para a

formação dos sinais. Além disso, o processo de composição não foi produtivo na Libras. Consequentemente, a formação dos sinais não se dá através de processos específicos. É, por conseguinte, a simultaneidade intrínseca aos parâmetros fonológicos que atua na interface morfologia-semântica, com vistas a formar os sinais na Libras, como unidades significativas – mais uma vez o princípio da Simultaneidade sustenta uma das categorias em nossa tipologia.

Na categoria quantificação e intensificação de entidades, vimos que as noções de quantificar e intensificar fazem parte no mesmo campo semântico, em conformidade com a ontogênese linguística do indivíduo surdo, isto é, com a sua Perspectiva Ontogenética. O padrão que identificamos para a quantificação é a repetição do sinal – mesmo em sinais que não licenciam tal repetição por apresentarem locação no corpo do sinalizante – ao lado de expressões não manuais que codificam a noção de intensificação. Ademais, destacamos que as expressões não-manuais se mostraram produtivas até para a duplicação de mãos e para o apoio de advérbios na quantificação e intensificação de entidades.

Na categoria marcação de tempo, notamos que as pessoas surdas organizam o tempo da maneira cronológica – passado, presente e futuro – mediante o padrão do uso de advérbios de tempo e de expressões temporais. Reforçamos que tais expressões temporais possuem uma forma específica no espaço, em relação à sua lateralidade e à sequencialidade do movimento, representando a percepção cronológica que as pessoas surdas possuem acerca do tempo.

Portanto, a Tipologia das Interfaces, como a nossa proposta teórica de uma tipologia para a Libras, está ancorada nos princípios epistemológicos que evidenciam como as pessoas surdas enxergam o conhecimento gramatical; nos tipos de interface, a quais estão organizadas em relações morfossintáticas, relações sintático-semânticas e relações morfossemânticas; nas categorias que fazem parte das interfaces; e na sistematização de tais categorias quanto ao seu funcionamento mediante a descrição das regularidades.

5. Conclusão

A Tipologia das Interfaces é fruto de uma postura epistemológica que empregamos em Máximo (2023) para percebermos os indícios da atuação da interface nos modelos descritivos e interpretativos para a gramática da Libras. Para tal, buscamos empregar uma metalinguagem que nos possibilitasse ver a Libras como ela é através dos usos pelas pessoas surdas em gêneros textuais produzidos por elas em Libras no Youtube e no Instagram.

Assim, descrevemos e analisamos os tipos de interface e as categorias que compõem essas interfaces à luz dos quatro princípios epistemológicos – Simultaneidade, Hibridismo Estrutural, Perspectiva Ontogenética e Iconicidade Semântico-Genética – que propusemos para sustentar o modelo, no que tange ao lócus de pensamento.

Notamos, portanto, que na interface morfossintática, as categorias de classes ontogenéticas, entidades representativas, estrutura argumental do verbo, interrogação, negação e posse, mostram que ao aproximar a Libras da morfologia de língua isolante, as informações gramaticais na interface

morfossintática dependem do contexto sintático, uma vez que não há morfemas que carreguem as informações dos fenômenos desta interface, ressaltando, ainda a impossibilidade de diferenciar morfemas de fonemas nas línguas de sinais (FERNALDO; NAPOLI, 2000). Isso também reforçaria o papel dos parâmetros fonológicos para orquestrar as relações entre os níveis gramaticais, destacando sua funcionalidade para além da fonologia.

Na interface sintático-semântica, observamos que “a. Relações de adição, oposição, explicação, alternância e conclusão” e “b. Relações de causalidade, consequência, condicionalidade, comparação” apontam para a necessidade de recorrer à materialidade do espaço, a fim de desenvolver as relações sintáticas e semânticas reforçando a natureza visual e espacial da Libras para codificar essas relações. Também podemos ver que na referenciação e nas noções de SER e ESTAR estão situadas em um plano sintático e semântico porque fazem uso de locações específicas no espaço e evocam sinais específicos, destacando, mais uma vez, a materialidade do espaço para codificar noções semânticas.

Na interface morfossemântica, a aproximação da Libras com a morfologia isolante, em face da pouca produtividade do processo de composição e da simultaneidade intrínseca aos parâmetros fonológicos; e o uso da repetição do sinal como padrão e das expressões manuais na quantificação e intensificação de entidades nos mostram como funciona o plano semântico das pessoas surdas. Por fim, as estratégias de marcação de tempo apontam, também, para a construção conceptual desta noção temporal mediante restrições espaciais para corroborar a forma cronológica que as pessoas surdas representem o tempo em passado, presente e futuro.

Assim, entendemos que nosso modelo não anula nem diminui outros modelos propostos para a Libras, pois reconhecemos que é inerente ao movimento da Ciência convulsões e rupturas teóricas e metodológicas. Oferecemos à Linguística mais uma possibilidade descritiva e interpretativa para a gramática da Libras, a qual ainda passará por refinamentos ao longo dos anos como nosso compromisso como linguista.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i2.2205.R>

Editora

Ana Regina e Souza Campello

Afiliação: Instituto Nacional de Educação de Surdos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1464-9524>

Charley Pereira Soares

Afiliação: Universidade Federal de Minas Gerais

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0825-8415>

Carlos Roberto Ludwig

Afiliação: Universidade Federal de Minas Gerais

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0825-8415>

Liona Paulus

Afiliação: Universidade de Hamburgo

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5891-9167>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Daltro Roque Carvalho da Silva Junior

Afiliação: Universidade Federal do Paraná

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4593-2402>

Avaliador 2: Bruno Gonçalves Carneiro

Afiliação: Universidade Federal do Tocantins

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7417-2548>

Conflito de Interesse

A autora não tem conflitos de interesse a declarar.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Avaliando os roteiros propostos pela Equator Network, consideramos que nenhum deles se mostra relevante para a pesquisa em tela. Também informamos que a pesquisa desenvolvida não foi pré-registrada em repositório institucional independente.

Declaração de Disponibilidade de Dados

O compartilhamento de dados não é aplicável a este artigo, pois nenhum dado novo foi criado ou analisado neste estudo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Alliny de Matos Ferraz. **Causatividade em Libras**. Tese (Doutorado em Linguística). – Universidade de Brasília. Brasília, 120. 2015.
- ARAÚJO, Magali Nicolau de Oliveira de. **Os espaços na Libras**. Tese (Doutorado em Linguística). – Universidade de Brasília. Brasília, 142. 2016.
- ARONOFF, Mark; MEIR, Irit; SANDLER, Wendy. The paradox of sign language morphology. **Language (Baltim)**, 2005. Disponível em: THE PARADOX OF SIGN LANGUAGE MORPHOLOGY – PMC (nih.gov). Acesso em: 16 jan. 2022.
- BERNARDES, Raquel. **Estudo do léxico da Libras [recurso eletrônico]**: realização dos processos flexionais na fala do surdo. 229 f. Dissertação (Mestrado em Estudos linguísticos). – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.
- BRENTARI, Diane. **Theoretical foundations of American Sign Language Phonology**. PhD dissertation (PhD in Linguistics) – University of Chicago, Chicago, 1990.
- BYBEE, Joan. **Evolution of communication**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1998.
- CARNEIRO, Bruno. **A categoria número em língua de sinais**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). – Universidade Federal de Goiás. Goiânia, p. 187. 2020.
- CROFT, William. **Typology and universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- CROFT, W.; CRUSE, A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DANIEL, Michael. **Linguistic typology and the study of language**. In: SONG, Jae Jung. The Oxford handbook of linguistics typology. New York: Oxford University Press, 2012.
- DASCAL, Marcelo (org.). **Fundamentos metodológicos da Linguística**. São Paulo: Global, 1978.
- FABRÍCIO, Rivaél Mateus. **Flexão nominal na Libras**: análise do corpus da grande Florianópolis. 211 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- FERNALD, Theodore; NAPOLI, Donna. **Exploitation of morphological possibilities in signed languages**: Comparison of American Sign Language with English, 2000. Disponível em: Exploitation of morphological possibilities in signed languages: Comparison of American Sign Language with English | John Benjamins (jbe-platform.com). Acesso em: 16 jan. 2022.
- GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. Amsterdam: John Benjamins, 1984.
- GIVÓN, T. **Compreendendo a gramática**. São Paulo: Cortez, 2011.
- HULST, Harry van der. **Units in the Analysis of Signs**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- JOHNSTON, T. **Sign Language**: Morphology, 2006. Disponível em: Sign Language: Morphology | Request PDF (researchgate.net). Acesso em: 16 jan. 2022.
- KUHN, T. **The structure of scientific revolutions**. Chicago: University of Chicago Press, 1978.
- LANGACKER, Ronald W. **Cognitive grammar**: a basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, Ronald W. **Essentials of Cognitive Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

LIBERALI, Fernanda Coelho; LIBERALI, André Ricardo Abbade. **Para pensar a metodologia de pesquisa nas ciências humanas**. Inter Fainc, Santo André, SP, v. 1, n. 1, p. 1-84, jun./dez. 2011.

LIDELL, S. K; JOHNSON, R. E. **American sign language**: the phonological base, 1989. Disponível em: AMERICAN SIGN LANGUAGE: THE PHONOLOGICAL BASE on JSTOR. Acesso em: 16 jan. 2022.

LIDDELL, S. K. **Think and believe**: Sequentiality in American Sign Language, 1984. Disponível em: Think and Believe: Sequentiality in American Sign Language on JSTOR. Acesso em: 16 jan. 2022.

LIDDELL, S. K. **Grammar, gesture and meaning in American sign language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MACHADO, Renata. **A construção de sentidos por Indicadores Não Manuais em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**: um estudo baseado em frames. 81 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

MEDEIROS, Davi. **Ícônico ou arbitrário? Motivado ou imotivado? O Signo linguístico da língua brasileira de sinais**. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p. 366. 2019.

MENDES, Maria Luisa. **A metaforização na constituição dos sinais na Libras**. Dissertação (Mestrado em Letras). – Universidade Federal de Goiás. Goiânia, p. 164. 2013.

MIRANDA, João Paulo. **Voz passiva em Libras? Ou outras estratégias de topicalização?** Dissertação (Mestrado em Linguística). – Universidade de Brasília. Brasília, 120. 2014.

MÁXIMO, N. **Fonologia da Libras**: estatuto da mão não-dominante. 161 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

MÁXIMO, Nídia. **Tipologia linguística da Libras**. 255 f. Tese (Doutorado em Letras). – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

MEIER, R.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. (eds). **Modality and structure in signed and spoken language**. Cambridge: University Press, 2002.

NETO, José Borges. **Ensaios de filosofia linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, Lindilene Maria. **A categoria sintática predicativo na língua brasileira de sinais: um estudo descritivo**. Dissertação (Mestrado em Letras). – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 82. 2020.

PADDEN, C. **The interaction of morphology and syntax in American Sign Language**. New York: Garland, 1998.

PALFREYMAN, Nick. **Variation in Indonesian Sign Language**: A typological and sociolinguistic analysis. Sign Language Typology [SLT] 8. Berlin: De Gruyter Mouton, 2019.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PIZZIO, Aline Lemos. **A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira**: elementos que distinguem nomes de verbos. Tese (Doutorado em Linguística). – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 237. 2011.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. São Paulo: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de et al. **Gramática da Libras**. Rio de Janeiro: INES, 2023, v. 1.

SANDLER, W. **One phonology or two?** Sign language and phonological theory, 1995. Disponível em: Onephonologyortwo? (degruyter.com). Acesso em: 16 jan. 2022.

SANDLER, W. **The phonological organization of sign languages**, 2012. Disponível em: THE PHONOLOGICAL ORGANIZATION OF SIGN LANGUAGES - PMC (nih.gov). Acesso em: 17 jan. 2022.

SANDLER, Wendy. **Cliticization and prosodic words in a sign language**. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

SCHUIT, J; BAKER, A; PFAU, R. **Inuit sign language: a contribution to sign language**, 2001. Disponível em: (PDF) Inuit Sign Language: a contribution to sign language typology (researchgate.net). Acesso em: 17 jan. 2022.

SCHWAGER, Waldemar; ZESHAN, Ulrike. **Word classes in sign languages criteria and classifications**, 2008. Disponível em: content (mpg.de). Acesso em: 17 jan. 2022.

SILVA, Cintia. **Coordenação ativa e adversativa na Libras**. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Universidade de Brasília. Brasília, 68. 2019.

SOARES, Chaley Pereira. **Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB: um estudo sincrônico da homonímia**. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Universidade de Brasília. Brasília, p. 136. 2013.

SOUZA, Guilherme Lourenço. **Concordância, caso e ergatividade em língua de sinais brasileira**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 161. 2014.

SOUZA JÚNIOR, José Ednilson Gomes. **Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais**. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Universidade de Brasília. Brasília, p. 346. 2012.

STOKOE, W. **Sign Language Structure: Na outline of the visual communication systems of the american deaf**, 1960. Disponível em: Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf | The Journal of Deaf Studies and Deaf Education | Oxford Academic (oup.com). Acesso em: 17 jan. 2022.

TROCHIM, W.M.K. **The Research Methods Knowledge Base**. Cornell University: New York, 2002.

WILBUR R B (1993). **Syllables and segments: hold the movements and move the holds!** New York: Academic Press, 1993.

WHALEY, Lindsay. **Introduction to typology: the unity and diversify of language**. California: Sage Publications, 1997.

ZESHAN, Ulrike. **'Towards a notion of 'word' in sign languages'**, 2003. Disponível em: Towards a Notion of 'Word' in Sign Languages (researchgate.net). Acesso em: 17 jan. 2022.